

INTERVENÇÃO PRECOCE EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA

DJUBA, S. C. S.¹; PINTO, D. S. M.²

RESUMO:

A intervenção precoce é o reconhecimento e estimulação adequada para a defasagem de habilidades da criança. Este estudo se constitui de uma pesquisa bibliográfica que buscou expor a contribuição da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) nesse tratamento. Os resultados expuseram a importância da disseminação de conhecimento em relação aos sinais, bem como da ABA por se tratar de uma ciência baseada em evidências promovendo a participação dos responsáveis em prol de uma melhor condição de vida.

PALAVRAS-CHAVES: Estimulação precoce. Autismo. ABA.

ABSTRACT:

Early intervention is the recognition and appropriate stimulation for the child's skills gap. This study is a bibliographic research that sought to expose the contribution of Applied Behavior Analysis (ABA) in this treatment. The results exposed the importance of disseminating knowledge regarding the signs, as well as the importance of ABA because it is an evidence-based science promoting the participation of those responsible for a better condition of life.

KEY-WORDS: Early stimulation. Autism. ABA.

INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno de desenvolvimento que envolve deficits na comunicação e interação social, acompanhado por comportamentos repetitivos, além do interesse restrito em objetos e atividades específicas que limitam e prejudicam a aprendizagem de novos comportamentos.

Esta pesquisa é sobre a relevância da disseminação de conhecimento em relação aos primeiros sinais de autismo, sendo importante que os profissionais e responsáveis saibam identificar, bem como sobre a contribuição da ABA na intervenção precoce.

¹Sheila Cristina dos Santos Djuba. Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. 2021. Contato: sheilinha.djuba@gmail.com

²Débora Sanitá Malaguido Pinto. Mestre Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2021. Contato: deborasma@gmail.com

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) não tem cura, mas tem tratamento, nesse sentido, a ABA tem demonstrado resultados satisfatórios em minimizar o comprometimento e as dificuldades do indivíduo. Embora diversos estudos sejam feitos em relação ao TEA, muitas pessoas desconhecem sobre o transtorno e recebem tratamentos inadequados, pela falta de conhecimento por parte de profissionais e da família que estão em contato com a criança.

OBJETIVO

Analisar a intervenção precoce por meio da Análise do Comportamento Aplicada na aquisição de habilidades comportamentais de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

MÉTODO

O presente trabalho baseia-se numa pesquisa exploratória-descritiva. Para a iniciação das pesquisas foi utilizado fontes secundárias que fazem menção a utilização de conteúdos oriundos de outros autores que não os deste. Na revisão literária desempenhada para o mesmo, foram utilizados livros e revistas considerando para a pesquisa apenas aqueles que apresentavam autismo explícito no título ou no assunto do trabalho.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Transtorno do Espectro Autista (TEA) – História e critérios diagnósticos

Segundo Klin (2006) em 1944, Kanner ficou conhecido com a publicação de seus estudos, que por serem no idioma inglês possibilitaram o acesso de muitas pessoas. Os casos descritos por ele foram chamados de Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo, estavam relacionados à incapacidade do indivíduo de relacionar-se com as pessoas funcionalmente desde o início da vida. Já a pesquisa feita por Asperger ficou limitada até 1976, devido à tradução apenas nos idiomas Alemão e Holandês, que possibilitavam acesso restrito aos leitores dessas línguas. Ele

Acreditava que as crianças tinham um bom nível de inteligência, linguagem e que não existia ausência das emoções, mas uma diferença qualitativa e uma dificuldade em demonstrar. Por outro lado, as pesquisas dos psiquiatras tinham uma mesma descrição de transtorno, embora não se conhecessem (DIAS, 2015). Conforme Bem, Tardem e Delafraiti (2013) no decorrer dos anos algumas modificações no Manual Diagnóstico e Estatístico Mental (DSM) ocorreram em relação à descrição do TEA, dentre elas, a própria nomenclatura do transtorno. Na versão anterior, o nome dado era Transtorno Autista, enquanto a versão atual traz Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Segundo o DSM-V (2014) o TEA é dividido em três níveis de gravidade:

Nível 1 – Exige apoio: O indivíduo é capaz de falar, mas tem dificuldade em organização, planejamento, autonomia. Apresenta pouco interesse nas interações sociais. Nível 2 – Apoio substancial: Apresenta déficits na comunicação, pouca interação social, dificuldade em mudança de rotina. Nível 3 – Necessidade de apoio muito substancial: Grande comprometimento nas áreas do desenvolvimento e apesar de tratamento intensivo são pouco funcionais, apresenta déficits na comunicação social, interação social, reciprocidade sócio-emocional e habilidades motoras amplas e finas.

A Importância da Intervenção Precoce para o Desenvolvimento de Habilidades em Crianças com Diagnóstico TEA

De acordo com Steffen et al. (2020), os sinais de autismo devem aparecer entre os dois e três primeiros anos de vida. Dentre eles, a falta de contato visual apropriado, não balbuciar antes dos doze meses, não acompanhar gestos como apontar/mostrar, falta de orientação para o nome, sem grandes sorrisos ou expressões faciais antes ou depois do seis meses, falta de brincadeiras interativas e falta de interesse em outras crianças, o atraso ou ausência da aquisição da linguagem também é um sinal precoce de autismo. Quanto mais precocemente o diagnóstico, melhor para o prognóstico, estudos comprovam resultados satisfatórios nas intervenções com crianças antes dos 36 meses. Isso porque a plasticidade cerebral é maior, e se desenvolve rapidamente entre o período da concepção até os três anos de vida. O autor destaca a importância da preparação e conhecimento dos

profissionais da saúde e educação em relação aos primeiros sinais para que possam contribuir com o diagnóstico e intervenção precoce de crianças com TEA.

A Intervenção em ABA como Estratégia de Tratamento do Transtorno do Espectro Autista

Segundo Lear (2004) a sessão da ABA na maioria das intervenções precoces segue uma agenda semanal com período integral entre 30 a 40 horas. A elaboração dos programas ocorre de acordo com as necessidades da criança, sendo analisada e trabalhada uma ampla categoria de habilidades de autocuidado, motora, social, comunicação, brincar e pré-acadêmica.

De acordo com Hubner et al. (2018) a intervenção começa pelas tarefas mais simples que são ensinadas como pré-requisitos comportamentais. São repetidas várias vezes, iniciando com uma ajuda mais intrusiva que vai sendo reduzida gradativamente a um auxílio menos intrusivo. A ABA trabalha de forma aplicada na melhoria de comportamentos e não em mudar comportamentos que não tenham função na vida do indivíduo; comportamental mantendo foco em mudanças; analítica por utilizar como ferramenta fundamental a análise funcional; tecnológica por elaborar programas descritivos que permitem a replicação; conceitualmente sistemática por se tratar de princípios básicos da análise do comportamento; efetiva tendo mudanças significativas e ganhos notáveis para o indivíduo e generalidade de diferentes comportamentos, sendo exibidos em outros contextos.

CONCLUSÃO

A partir deste estudo ficou evidente o aumento de indivíduos com TEA, principalmente com a mudança na nomenclatura do DSM-V. A propósito a intervenção precoce é a chave para o tratamento, em decorrência da capacidade e potencialidade cerebral na primeira infância, esse período é decisivo para o desenvolvimento da criança. A ABA é uma ciência que tem gerado resultados satisfatórios no tratamento, por trabalhar de forma aplicada na melhoria de comportamentos, prezando a autonomia, aprendizagem e adaptação funcional da criança.

Em resumo, a prática com indivíduos com TEA deve: estar alinhada com a atuação de outros profissionais, estar fundamentada nos dados e metodologias confiáveis advindas da ciência, promovendo a participação dos responsáveis na intervenção em prol de uma melhor condição de vida.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. (2014). **Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5** [Recurso eletrônico]. (5ª ed.; M.I.C. Nascimento, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.

BEN, R. D.; TARDEM, M. F.; DELEFRATI, V. R. T. Transtorno do espectro autista e a prática da análise do comportamento: considerações introdutórias. *In*: TINOCO, D. H.; BERGER, A. S. S.; TREVISAN, A. C. C. **A prática de psicologia e a psicologia na prática**. 1. ed. Londrina: Unifil, 2014. P. 127-140.

DIAS, S. Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade. **Revista latino americano de psicopatologia fundamental**. São Paulo, v. 18, n. 2, p. 307-313, Junho 2015. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142015000200307&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 Mai. 2021.

HUBNER, M. M. C.; *et al.* Terapia comportamental para autismo: análise do comportamento aplicada. *In*: ANTUNEZ, A. E. A; SAFRA, G. **Psicologia clínica da graduação à pós-graduação**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2018. p. 115-119.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, supl.1, p. s3-s11, May 2006. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 Mai. 2021.

LEAR, K. **Ajude-nos a aprender** – Um programa de treinamento em ABA (Análise do comportamento Aplicada) em ritmo auto-estabelecido. Tradução de Margarida HofmannWindholz, Marialice de Castro Vatauvuk, Inês de Souza Dias, Argemiro de Paula Garcia Filho e Ana Villela Esmeraldo. 2º. ed: Toronto, Ontário – Canadá, 2004.

STEFFEN, F.; DE PAULA, F.; MARTINS, M. F.; LÓPEZ, L. Diagnóstico precoce de autismo: uma revisão literária. **Revista saúde multidisciplinar**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2020. Disponível em:

<http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/91>. Acesso em: 05 Ago. 2021.